

## CAPÍTULO IV

# IMPORTÂNCIA DOS PROGRAMAS DE PREVENÇÃO DE VIOLÊNCIA NO NAMORO

MARIA ISABEL DOMINGUES FERNANDES  
HELENA DA CONCEIÇÃO BORGES PEREIRA CATARINO  
SUSANA MARGARIDA RODRIGUES CUSTÓDIO

***“Ninguém liberta ninguém, ninguém se liberta sozinho: os Homens libertam-se em comunhão”***

(Paulo Freire)

Este estudo tinha como finalidade avaliar os resultados obtidos com a implementação do projeto N(amor)o (Im)Perfeito – centrado na prevenção da VRI – e desenvolvido com estudantes do ensino secundário da região centro de Portugal. Para além de se conhecer algumas características sociodemográficas destes estudantes, procurou-se caracterizar as relações de namoro entre as/os estudantes; determinar a prevalência de comportamentos de vitimização e perpetração da violência no namoro; avaliar os conhecimentos das/os estudantes face à violência nas relações de intimidade; identificar as suas práticas perante situações de violência nas relações de namoro; comparar os conhecimentos sobre violência nas relações intimidade e as suas práticas perante uma situação de violência no namoro; e ainda avaliar a satisfação e a importância dos *workshops* para a aquisição de conhecimentos e para a adoção de estratégias adequadas na construção de relações de intimidade saudáveis. Após terem sido apresentados os resultados obtidos no capítulo anterior importa agora salientar alguns dos resultados, para os confrontar com o referido na literatura.

Assim, ao longo deste capítulo apresentam-se os resultados obtidos, analisando-os e discutindo-os à luz das teorias e da literatura referida nos primeiros capítulos, no sentido de encontrar evidências que ajudem à compreensão dos resultados dos *workshops* desenvolvidos junto das/os jovens no que se prende com a VRI.

Verificamos que o estudo recaiu numa amostra constituída por 55,7% estudantes do sexo feminina e 43,7% do sexo masculino, que frequentava o 10º ano de escolaridade, e tinham em média 16,2 anos (DP=1,2). A média de idades enquadra-se na faixa etária

da adolescência e/ou juventude (OMS, 2003) que Vicary, Klingaman e Harkness (1995) consideram como sendo o grupo em que há um risco acrescido de início de relações de intimidade menos saudáveis, devido às vulnerabilidades que apresentam para o estabelecimento de primeiras relações amorosas. Também Caridade e Machado (2008), consideram que a prevalência do fenómeno da violência nas relações de intimidade parece ter um início precoce, isto é, na adolescência e/ou durante o ensino secundário.

Do ponto de vista da caracterização das relações de namoro, mais de metade dos indivíduos da amostra (68,3%) referiu ter estabelecido uma relação de namoro apesar de, no momento da colheita de dados, nem todos manterem essa relação. De salientar que apenas 15,5% das/os estudantes não tiveram uma experiência de namoro. Os resultados sugerem que estas/es estudantes em termos desenvolvimentais, e tal como Feldman (2001) considera, já iniciaram a abertura às relações interpessoais significativas fora do ciclo familiar e ao estabelecimento das primeiras relações amorosas de acordo com o mencionado por Wekerle e Wolfe (1999) e os resultados da investigação de Caridade e Machado (2008). Perante estes resultados a idade em que estas intervenções devem ser desenvolvidas, bem como as estratégias a utilizar, podem ser questionadas, pois se por um lado a vivência da experiência pode ser importante para identificar as situações de violência no namoro, por outro lado podem previamente serem desenvolvidas estratégias de capacitação para evitar a vitimização e/ou perpetração destes comportamentos.

A duração da relação de namoro vivenciada pelos respondentes (3514) é em média de 8,9 meses, oscilando entre 1 e 100 meses, com um desvio padrão de 10,0. A duração do tempo de namoro parece orientar-se para a perspetiva apontada por Abramovay, Castro e Silva (2004), Justo (2005) e Oliveira et al. (2007) de os adolescentes considerarem o namoro como um ato contínuo e repetido do “ficar”, em que o contacto preliminar para melhor conhecer o outro, marcado pela brevidade e ausência de exclusividade e de compromisso, são as suas principais características.

Alguns autores (Caridade, 2008; Schütt, Frederiksen e Helweg-Larsen, 2008) referem que a VRI tem início frequentemente nas relações de namoro. Constatou-se que somente 4,0% (138) das/os estudantes afirmaram ter sido vítimas de violência no namoro. Estes resultados distanciam-se dos apontados por alguns dos autores que investigaram este fenómeno tais como Swart (2002), Glass et al. (2003) e Caridade (2008) cujos resultados apontam uma taxa de prevalência de violência no namoro superior. Mais recentemente, a investigação realizada por Sebastião, Alexandre e Ferreira (2010) aponta para uma taxa muito elevada (95%) de adolescentes que estiveram envolvidos em pelo menos uma situação de violência no namoro, contudo não diferencia aqueles que foram vítimas ou agressores. Deve-se ainda ter presente que estes dados foram colhidos antes dos *workshops* e segundo vários estudantes, muitos dos comportamentos não eram identificados como violentos.

Ainda no que se prende com a caracterização das relações de namoro e numa perspetiva de comportamentos de violência, verificou-se que relativamente à distribuição da amostra consoante o sexo, 5,2% do total das estudantes e 2,5% do total dos estudantes afirmaram ter sido vítimas de violência por parte do seu/sua namorado/a, tendo as diferenças por sexo significado estatístico ( $p < 0,0001$ ). Estes resultados, apesar de serem muito inferiores aos apresentados por Swart (2002), OMS (2002), Williams et al. (2008) e Caridade (2008), são concordantes, pois continuam a sugerir valores de vitimização feminina superiores à masculina.

Os resultados permitem verificar que as vítimas de violência são, em média, estudantes mais velhas e com mais tempo de namoro, sendo estas diferenças estatisticamente significativas ( $p < 0,005$ ). Já Hatfield (1988) e Bierhoff (1991) se referiram aos riscos de aumento de conflitos e de surgimento de dinâmicas relacionais com domínio de um namorado sobre o outro e comportamentos violentos entre os namorados, à medida que as relações se tornam mais serias e estáveis pelo aumento da intimidade e do compromisso entre os namorados. Quando a amostra é repartida em função do sexo, os resultados mantêm a mesma tendência, isto é, as vítimas de violência no namoro são mais velhas e namoram há mais tempo, tanto para os do sexo masculino como do sexo feminino, sendo as diferenças estatisticamente significativas, excetuando-se os estudantes do sexo masculino no que se refere à idade. Estes resultados parecem indicar que a idade e o aumento da duração da relação permite um maior espaço privado criando condições para surgirem comportamentos violentos na relação de intimidade, podendo perdurar e manter-se após a conjugalidade, como é referido na literatura.

Pela associação identificada da VRI com comportamentos comprometedores da saúde (Wolfe et al., 2009) considerou-se pertinente *determinar a prevalência de comportamentos de vitimização e perpetração* da violência no namoro em estudantes do ensino secundário. Verificou-se que as estudantes referiram maior número de comportamentos como vítimas sendo as diferenças estatisticamente significativas ( $p < 0,05$ ). O número médio de comportamentos de perpetração, em ambos os sexos, é igual, sendo que as diferenças não apresentam significado estatístico ( $p > 0,05$ ). Em 2008, Caridade publicou uma revisão sistemática da literatura cujos estudos apresentavam resultados similares àqueles que nesta investigação se determinaram.

Dos 18 comportamentos de vitimização listados verifica-se que em 5 deles (perseguir na escola; puxar cabelos com força, dar uma bofetada, apertar o pescoço, dar pontapés ou cabeçadas) os estudantes apresentam uma percentagem mais elevada do que as estudantes sendo as diferenças estatisticamente significativas em 4 destes. Nos restantes (13) são as estudantes que assinalaram maior percentual, com diferenças estatisticamente significativas, à exceção de, “julgar, corrigir e criticar”, “dar empurrões violentos” e, “tentativas de contato físico com conotação sexual” ( $p > 0,05$ ). Embora

estatisticamente as diferenças sejam significativas, os valores percentuais são baixos o que pode ser justificável pela falta de experiência relacional, associada à necessidade de emancipação e de independência dos jovens que poderão dificultar o reconhecimento de uma condição de vitimização, como Matos et al. (2006) consideram. Relativamente aos estudantes, de acordo com o que Matos et al. (2006) concluem, são mais legitimadores de atos de violência o que poderá justificar a identificação de menos comportamentos comparativamente às estudantes.

Relativamente aos comportamentos de perpetração de violência ocorridos em contexto de relações de intimidade, verifica-se que em 13 destes há maior referência nos estudantes, sendo estatisticamente significativos em 8 ( $p < 0,05$ ), enquadrando-se estes sobretudo ao nível da violência física e sexual. Estes resultados parecem vir ao encontro dos estudos multicêntricos da OMS realizados por Garcia-Moreno et al. (2005) e pela Escola de Higiene e Medicina Tropical de Londres e com o Conselho Sul-africano de Investigações Médicas (2013), quando consideram que as taxas de prevalência de violência física e sexual, nos diferentes países, são superiores nas mulheres, tendo estas relatado que a primeira experiência sexual foi forçada e, para a maioria, ocorreu durante a adolescência.

Salienta-se que os estudantes apresentam uma maior frequência de comportamentos de vitimização e de perpetração como “perseguir na escola”, “puxar os cabelos com força”, “apertar o pescoço” e “dar pontapés ou cabeçadas”, quando comparados com as estudantes. O comportamento de “dar uma bofetada”, enquanto perpetrador, tem uma frequência mais elevada nas estudantes, registando significado estatístico ( $p < 0,05$ ).

Sebastião, Alexandre e Ferreira (2010), sem se referirem especificamente ao tipo de comportamento e ao sexo consideram que muitos adolescentes experienciam simultaneamente a condição de vítimas, agressores e observadores. Também Ismail et al., (2007) e Machado et al., (2003), concluíram que a prevalência da violência na intimidade juvenil e dos factores que contribuem para ela, são muitas vezes desvalorizados ou minimizados quer pelas vítimas quer pelos agressores.

Para avaliar os conhecimentos dos estudantes face à violência nas relações de intimidade utilizou-se um questionário com conjunto de 47 proposições, aplicado antes e depois da realização de um *workshop*.

A este nível verificou-se que apesar de se ter registado uma evolução global positiva dos conhecimentos das/os estudantes, algumas proposições após a intervenção mantém ainda um elevado valor percentual de respostas incorrectas. As diferenças entre as respostas erradas e certas, consoante o sexo, têm significado estatístico.

A análise mais detalhada dos resultados sobre os conhecimentos de violência nas relações de intimidade, permite constatar que as estudantes apresentam um maior percentual de respostas certas (45) comparativamente com os estudantes, sendo as diferenças estatisticamente significativas em 43 das proposições. A análise conjunta dos resultados obtidos nos dois momentos mostra ainda que, em alguns dos indicadores houve um aumento de percentual de respostas erradas e o número de proposições é quantitativamente mais elevado nos estudantes do que nas estudantes (17 para 7). Tal resultado poderá dever-se a um nível mais elevado de informação sobre o fenómeno ou a diferentes comportamentos de adesão à resposta ao instrumento. Contudo, quando as proposições se centram nas relações de poder e de padrões de socialização masculina (Bonino, 2000, 2003a, 2003b e Aumann e Iturralde, 2003) e nos mitos sobre o amor que prevalecem no contexto social em que os jovens vivem, como referem Duque (2006), Flecha, Puigvert e Redondo (2005) e Sanpedro (2005), como por exemplo, “tenho o direito de dar um beijo ao (à) meu (minha) namorado (a) sempre que quero” e “os rapazes são violentos por natureza”, os estudantes apresentam um maior percentual de respostas corretas, havendo significado estatístico ( $p < 0,000$  e  $p < 0,002$ ). Estes comportamentos parecem traduzir a crença do controlo masculino e a submissão feminina apontada por Lichter e McCloshey (2004) que ocorre durante a adolescência, período em que os jovens são confrontados com a intensificação das suas expectativas de género.

Dos resultados de avaliação de conhecimentos dos estudantes sobre VRI, os elevados valores percentuais de respostas erradas em algumas proposições (a violência no namoro não existe; o álcool é a principal causa de violência no namoro; só mantém uma relação de namoro violento quem quer; o baixo rendimento escolar é uma consequência frequente da violência no namoro; os amigos não comuns prejudicam a relação de namoro; gozar com as opiniões do(a) namorado(a) não é violência; gozar com os interesses do(a) namorado(a) não é violência; tenho o direito de dar um beijo ao (à) meu (minha) namorado (a) sempre que quero e; os(as) namorados(as) podem ler as mensagens de telemóvel um do outro) são demonstrativos de falhas de informação sobre o fenómeno. Salienta-se que algumas das proposições referidas são apresentadas como preditores da violência nas relações de intimidade (Kaura e Allen, 2004). Verifica-se ainda, uma divergência nas respostas às seguintes proposições: o fim da relação de namoro significa o fim da violência e, se o(a) meu(minha) namorado(a) me contrariar tenho o direito de lhe gritar mesmo que seja em público, verificando-se um aumento no número de respostas certas das estudantes, contrariamente aos estudantes em que houve aumento de respostas erradas.

O ciúme constituindo um dos mitos ligados ao amor romântico (Yela, 2003), foi considerado uma prova de amor para 35,6% dos estudantes. Canto, García Leiva e Gómez-Jacinto, (2005) e Chóliz e Gómez (2005) consideram que é uma experiência

emocional complexa e negativa que pode ter manifestações comportamentais ou fisiológicas diversas, dependendo das diferenças individuais, sociais ou culturais o que pode justificar os elevados percentuais de respostas nas seguintes proposições: os(as) namorados(as) provocam a violência pela forma como se vestem para 39,9% das estudantes e 42,8% dos estudantes; quando se namora, para 44,3% dos estudantes deve-se fazer aquilo que agrada ao outro; só mantém uma relação de namoro violento quem quer para 32,6% das estudantes e 50,1% dos estudantes.

Estudos realizados pela OMS (2002) consideram que o consumo de álcool e drogas é um fator de risco para a VRI. No entanto, e em dissonância, 30% das estudantes e 32,5% dos estudantes consideram o álcool e 29,1% das estudantes e 30,3% dos estudantes consideram as drogas como as principais causas de violência no namoro. A investigação realizada integrada no projeto de intervenção comunitária Direitos e Desafios (2007), promovido pela Câmara Municipal de Santa Maria da Feira, evidencia resultados similares sendo que os alunos do sexo masculino foram mais concordantes com a ideia de que a violência ocorre apenas quando há problemas desta índole na família.

Ao avaliar-se os conhecimentos dos estudantes, verifica-se que em média estes antes do *workshop* acertaram em 37,9 (DP=5,2) das 47 proposições. No final do *workshop* acertaram em média em 40,2 (DP=5,8) sendo as diferenças estatisticamente significativas ( $p < 0,01$ ). Estes resultados vêm corroborar os dos estudos realizados por Lima, Lemos e Guerra (2002), Matos et al., (2006), Jaycox et al., (2006), Ribeiro (2008) e Sebastião, Alexandre e Ferreira (2010) sobre o impacto do *workshop* realizado em jovens. Estes valores parecem ser ainda indicativos do impacto do *workshop* realizado, podendo haver, no futuro, modificação do comportamento destes jovens face à VRI, indo ao encontro do referido pela OMS (2010) quando considera que a prevenção primária deve assentar em programas centrados na prevenção da violência no namoro, facto comprovado pelos resultados dos ensaios clínicos randomizados de Foshee et al., (2008) e Wolfe et al., (2009).

Pela aplicação do teste de correlação de Pearson entre o nível de conhecimento antes e depois do *workshop*, constatou-se que a correlação era moderada, positiva e significativa ( $r=0,663$ ;  $p < 0,0001$ ), podendo afirmar-se que quanto mais conhecimentos (número de proposições assinaladas corretamente) os estudantes apresentam antes da formação, maior é o nível de conhecimentos revelado após o *workshop*.

Uma análise mais detalhada dos resultados permitiu constatar que os resultados, relativos ao nível de conhecimentos sobre a violência nas relações de intimidade dos estudantes do ensino secundário que foram vítimas e dos que não foram, não são estatisticamente diferentes, pois, em média, não acertaram maior número de proposições.

No que concerne, ao nível de conhecimentos em função do sexo, constatou-se que as estudantes, em média, acertaram um maior número de asserções relacionadas com a violência nas relações de intimidade do que os estudantes, tendo essas diferenças significado estatístico em ambos os momentos ( $p < 0,05$ ). Estes resultados fortificam os apontados acima e a evidência apresentada por Lima, Lemos e Guerra (2002), Matos et al., (2006), Jaycox et al., (2006), Ribeiro (2008) e Sebastião, Alexandre e Ferreira (2010) quando se referem ao impacto da formação realizada em populações juvenis. Apesar dos estudos consultados não aludirem à relação entre conhecimentos e idade dos jovens, verificou-se existir uma correlação fraca e não significativa ( $p > 0,05$ ) entre estes, antes e após a formação e a idade dos estudantes, não tendo, em média, os estudantes mais velhos respondido corretamente a um maior número de proposições quando comparados com os estudantes mais jovens. Estes resultados podem indicar que estes conhecimentos – crenças – mitos são interiorizados desde muito cedo e não parecem alterar-se com o passar do tempo e com a idade.

Relativamente às *práticas das/os estudantes perante situações de violência no namoro e à comparação de conhecimentos e práticas face à mesma, antes e após os workshops*, constatou-se que, globalmente, quer os estudantes, quer as estudantes, apresentaram uma melhoria dos seus conhecimentos acerca de, a quem e onde pedir ajuda em situações de violência. No entanto, as estudantes apresentam um maior percentual de respostas certas quanto ao conhecimento sobre a quem e onde pedir ajuda em situações de violência no namoro, sendo as diferenças estatisticamente significativas. Ao aplicar-se o teste de McNemar Test, verificamos que as diferenças entre os dois momentos, antes e após o *workshop*, tanto para uns como os outros, no que diz respeito a esta variável, é estatisticamente significativo ( $\chi^2 = 378,678$ ;  $p < 0,001$  e  $\chi^2 = 354,326$ ;  $p < 0,001$ , respetivamente). Relativamente às práticas dos estudantes perante a identificação de uma situação de violência, verificou-se que a maioria revela ter conhecimento acerca das práticas adequadas mesmo antes da intervenção, melhorando ligeiramente após a intervenção.

Estes resultados parecem poder traduzir o impacto do *workshop* realizado no âmbito do N(amor)o (Im)Perfeito e estão em consonância com o apontado por Matos et al., (2006), Jaycox et al., (2006), Caridade (2008) e Ribeiro (2008) ao considerarem que a inclusão de programas de formação sobre a violência em adolescentes tem um impacto positivo no conhecimento e na procura de ajuda, e que estes podem contribuir para a intervenção precoce e a diminuição da violência nas relações de intimidade.

Para Coelho e Machado (2010) a metodologia de educação por pares como estratégia de intervenção tem resultados positivos na promoção de atitudes e comportamentos saudáveis. Neste sentido procurou-se ainda avaliar, na perspetiva dos estudantes, a *sua satisfação, a utilidade e importância que reconheciam aos workshops especialmente*

*para a aquisição de conhecimentos e a adoção* de comportamentos pró-ativos que se traduzam em relações de intimidade positivas e saudáveis.

Os resultados mostram que, para mais de 50% dos estudantes de ambos os sexos, o *workshop* permitiu-lhes-á melhorar o relacionamento entre si e o(a) seu (sua) namorado(a), perceber que há amigos que são vítimas e outros perpetradores e aumentar o conhecimento sobre os vários tipos de comportamentos violentos, uma vez que alguns dos comportamentos não são identificados como tal. De salientar, no entanto, que os resultados percentuais são mais elevados nas estudantes que nos estudantes, sendo essas diferenças estatisticamente significativas ( $p < 0,05$ ) em 7 dos 11 indicadores. Face a estes resultados, e atendendo a que a violência no namoro é frequentemente preditora da violência conjugal, tal como afirmam Gonçalves e Machado (2002), podemos pensar que o projeto N(amor)o (Im)Perfeito poderá contribuir para a adoção de comportamentos relacionais mais assertivos nas relações amorosas entre jovens.

Quanto à *satisfação, utilidade e importância atribuída aos workshops*, uma larga maioria dos estudantes, tanto do sexo masculino como feminino, considerou que ficaram satisfeitos/muito satisfeitos, consideraram que o mesmo foi importante/muito importante para a relação com o namorado e que a sessão de sensibilização foi útil /muito útil, sendo as diferenças entre sexos estatisticamente significativas ( $p < 0,05$ ). Tendo presente a melhoria de conhecimentos sobre a VRI, sobre os locais onde pedir ajuda e sobre as estratégias de construção de relações de intimidade saudáveis, associados à elevada satisfação e importância referida pelas/os jovens – considerando-a útil para as suas relações de namoro – considera-se que os *workshops* tiveram um efeito positivo para a prevenção da VRI.

Assim, entende-se que se foi ao encontro do referido pela UNFPA (2005) quando esta salienta que as/os jovens são um grupo populacional em que intervenções preventivas e de promoção da saúde constituem um importante recurso para combater problemas na área da saúde e do desenvolvimento humano.

Por último e no que se refere às estratégias utilizadas nos *workshops* não podemos deixar de salientar a elevada importância atribuída ao facto de ter sido realizada por outros jovens e através do teatro fórum, o que parece ter sido muito eficaz para perceberem melhor o tema, identificarem comportamentos que até à data não eram reconhecidos como violentos e incentivar a procurar mais informação. Assim, esta associação de estratégias parece ter-se revelado muito eficaz, indo de encontro ao referido por Straus (2004) e Jaycox e Aronoff (2004).

Em síntese, os resultados obtidos neste estudo vem reforçar a importância do desenvolvimento e implementação de programas de intervenção primária no âmbito da VRI.